18.

Rua Simpatia 23
Vila Madalena – SP
05436-020

Desculpe, Rafael

Sobre a permanência da tradição

Há pinturas que atravessam séculos. Elas sobrevivem às culturas que as produziram, permanecem nos museus e continuam ocupando um lugar central na história da arte. Ao longo do tempo, organizaram narrativas, estabeleceram referências culturais e deram forma aos ideais de poder, beleza, heroísmo e espiritualidade que moldaram o imaginário ocidental.

Os museus, ao preservar essas obras, preservam também algo menos visível: um repertório de imagens através do qual uma cultura reconhece sua própria história. É nesse conjunto que se sedimentam valores, crenças e formas de representação que continuam atravessando gerações. Toda tradição, porém, enfrenta uma condição paradoxal. Para permanecer viva, precisa transformar-se. Quando deixa de admitir novas leituras, corre o risco de tornar-se apenas documento histórico. Sua continuidade nunca dependeu da repetição, mas da capacidade de se perpetuar, ou seja, continuar produzindo sentido ao longo do tempo.

É justamente nesse intervalo entre herança e reinvenção que se desenvolve a pintura de Felipe Scandelari. Seu trabalho parte de algumas das composições mais emblemáticas da tradição ocidental representadas na história da arte, especialmente do Renascimento. Não para simplesmente reproduzi-las ou para atualizá-las formalmente, mas para investigar aquilo que lhes permitiu atravessar o tempo.

Foi durante o Renascimento que a pintura consolidou algumas das imagens mais duradouras da cultura ocidental, ao estabelecer novas formas de representar o corpo humano, o espaço e a narrativa, definiu modelos que permanecem ativos até hoje. Scandelari aproxima-se dessa herança para investigar, não a sua origem, e sim a sua permanência.

A construção espacial, o equilíbrio das formas e a organização das figuras permanecem reconhecíveis. O que muda são os elementos que passam a ocupar essas cenas. No lugar de santos, deuses e heróis surgem amigos, familiares, crianças e pessoas comuns. Armaduras cedem espaço a bermudas estampadas. Corpos reais ocupam o lugar da fisionomia ideal. A vegetação tropical atravessa paisagens europeias e objetos cotidianos passam a integrar composições historicamente associadas ao sagrado.

Ao preservar essas estruturas e alterar aqueles que as habitam, Scandelari desloca menos a composição do que seus significados. A força dessas pinturas deixa de residir exclusivamente em seus personagens originais e passa a revelar outra característica: sua extraordinária capacidade de acolher novos protagonistas sem perder sua potência simbólica.

Essa operação restitui à pintura uma dimensão frequentemente esquecida. Antes de ocupar os museus, essas imagens pertenciam à vida social. Eram instrumentos de comunicação, organizavam referências comuns e participavam da construção da memória coletiva. O

distanciamento que hoje percebemos entre esse repertório e a experiência cotidiana não pertence às obras, mas às transformações históricas que modificaram a maneira de nos relacionarmos com elas.

Ao reinscrever pessoas comuns no interior dessas grandes narrativas, Scandelari amplia quem pode participar desse patrimônio visual e demonstra que a tradição não é um legado encerrado, mas uma construção continuamente renovada por aqueles que voltam a habitá-la.

As obras reunidas nesta exposição recusam compreender a tradição como um conjunto de modelos concluídos e imutáveis. Pelo contrário, sugerem que sua continuidade depende precisamente da possibilidade de permanecer aberta a novos protagonistas, novas experiências e novas formas de representação.

Preservar uma tradição, talvez, nunca tenha significado impedir sua transformação, mas garantir que ela continue viva.

Galeria 18